



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

EDILEUDA COSTA PANTOJA

**PEDAGOGIA EM AMBIENTE NÃO ESCOLAR: A ATUAÇÃO DO
PEDAGOGO NO HOSPITAL MUNICIPAL DE CASTANHAL**

Castanhal-PA

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

EDILEUDA COSTA PANTOJA

**PEDAGOGIA EM AMBIENTE NÃO ESCOLAR: A ATUAÇÃO DO
PEDAGOGO NO HOSPITAL MUNICIPAL DE CASTANHAL**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito para aprovação
no Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal do Pará. Orientadora:
Prof.^a.M.SC. Elianne Barreto Sabino.

Castanhal-PA

2018

EDILEUDA COSTA PANTOJA

**PEDAGOGIA EM AMBIENTE NÃO ESCOLAR: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO
HOSPITAL MUNICIPAL DE CASTANHAL**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito final para a aprovação no Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), avaliado pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a. M.SC Elianne Barreto Sabino (orientadora)

Prof.^a. M.SC Patrícia Rodrigues de Oliveira Kimura (examinadora)

Prof.^a. M.SC Dina Carla da Costa Bandeira (examinadora)

Castanhal, ____ de _____ de ____.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, “inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”, presente em minha trajetória, por proporcionar-me coragem, perseverança quando eu pensei em desistir, iluminando meu percurso ao longo desta etapa.

Com saudade e amor à minha amada MÃE MIMAS, presente em meus pensamentos, sinto sua força, encorajando-me em muitos momentos de minha vida e sei, você SEMPRE lutou do seu jeito, pelo melhor para mim, para nós.

À minha orientadora, professora Elianne Barreto Sabino, por toda sua experiência, por ter dado seu apoio, ensinando-me os caminhos para concluir este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Às minhas amadas manas: Márcia, Kátia, Bel, Ediléa, Ediene, Ediele, em especial àquela que está junto a mim neste plano desde que nascemos –de uma mesma placenta-, minha irmã mais amada Edileuza, sempre comigo.

Aos amados sobrinhos Iann, José Carlos, José Lucas, Victor, Eduardo, e à minha única e amada sobrinha Kelly Karina (Nega). Nesta etapa de minha vida, a graduação é mais para mostrar um exemplo de que a dedicação nos faz vencedores.

À colega de classe Elis Simone, quando o grupo era um sexteto, resistimos e ficamos uma dupla.

Aos meus amados Frederico, Malu e Zorro, que em muitos momentos de estresse, parecendo entender minha condição, ficavam comigo, fazendo-me sorrir com suas brincadeiras.

À equipe multidisciplinar do Hospital Municipal de Castanhal (HMC), pela oportunidade de realizar estágio e pesquisa de TCC naquele ambiente.

À UFPA – Universidade Federal do Pará, e a todo corpo docente por formar profissionais empenhados e dedicados, à direção e administração desta instituição.

“Determinação, coragem e autoconfiança são fatores decisivos para o sucesso. Se estamos possuídos por uma inabalável determinação, conseguiremos superá-los. Independentemente das circunstâncias, devemos ser sempre humildes, recatados e despidos de orgulho”.
(Dalai Lama)

RESUMO

A hospitalização na vida de uma pessoa pode acarretar prejuízos à condição emocional do ser, ainda mais quando for criança/adolescente, pois, o hospital é um ambiente por muitos considerado hostil e desconhecido. O objetivo deste estudo foi demonstrar como o profissional pedagogo está inserido no mercado de trabalho fora do ambiente escolar, neste caso, o nosso local de pesquisa foi o hospital. Como objetivos específicos buscamos discutir à luz do referencial teórico a Pedagogia em Ambiente Não Formal; entender a pedagogia no hospital, algumas formas de atuação do (a) pedagogo (a) e por fim, identificar a relevância da Pedagogia Hospitalar na reabilitação da criança/adolescente hospitalizado na concepção do (a) pedagogo (a). Pois, a pedagogia hospitalar é uma modalidade que amplia o mercado de atuação do pedagogo. Com base nisso, esta pesquisa foi desenvolvida no Hospital Municipal de Castanhal (HMC), que atende pelo Sistema Único de Saúde (SUS) oferecendo algum tipo de atividade pedagógica a crianças/adolescentes internados. Para que a pesquisa fosse realizada, utilizou-se: pesquisa de campo, bibliográfica e observação no ambiente da pesquisa. Os resultados apontaram para uma prática pedagógica que contribui para o melhoramento do hospitalizado e uma boa aceitação da equipe gestora do HMC.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar, formação do pedagogo, prática pedagógica.

ABSTRACT

Hospitalization in a person's life can be detrimental to the emotional condition of the being, especially when it is a child, because the hospital is an environment considered by many to be hostile and unknown. The objective of this study was to demonstrate how the educational professional is inserted in the job market outside the school environment, in this case, our research site was the hospital. As specific objectives we seek to discuss in the light of the theoretical reference the Pedagogy in Non-Formal Environment; understand the pedagogy in the hospital, some ways of acting of the pedagogue and finally, identify the relevance of the Hospital Pedagogy in the rehabilitation of the hospitalized child / adolescent in the conception of the pedagogue. For, hospital pedagogy is a modality that broadens the market of the pedagogue's performance. Based on this, this research was developed at the Municipal Hospital of Castanhal (HMC), which attends to the Unified Health System (SUS) offering some kind of pedagogical activity to hospitalized children / adolescents. In order to perform the research, we used: field research, bibliography and observation in the research environment. The results pointed to a pedagogical practice that contributes to the improvement of the hospitalized and a good acceptance of the management team of the HMC.

Keywords: Pedagogia Hospitalar, pedagogue training, pedagogical practice.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNDCA	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
C.N.E.F.E.I	Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
HMC	Hospital Municipal de Castanhal
SEMED	Secretaria Municipal de Educação

LISTA DE FIGURAS DA BRINQUEDOTECA DO HMC

Figura 1 -Organização da ala pediatria	33
Figura 2 –organização da brinquedoteca.....	36

LISTA DE FOTOGRAFIAS DO AMBIENTE BRINQUEDOTECA

Fotografia 1 -Cantinho da leitura. Prateleira com livros e revistas.....	34
Fotografia 2-Espaço com mesas, banquinhos, brinquedos.....	35
Fotografia 3-Prateleira com brinquedos, na brinquedoteca.....	37

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	13
A PEDAGOGIA NÃO FORMAL	13
1.1 Consideração sobre a educação	14
1.2 A Pedagogia Hospitalar e seus fundamentos	18
1.3 O hospital como lugar de educação e reabilitação da saúde	23
1.4 Algumas práticas educativas no ambiente hospitalar	25
CAPÍTULO 2	29
DESVELANDO O <i>LOCUS</i> DA PESQUISA	29
2. OS CAMINHOS	30
2.1 METODOLOGIA	30
2.2 As Análises	33
2.2.1 O Espaço da criança no Hospital: a brinquedoteca como um espaço de aprendizagem	33
2.3 O diálogo	38
2.4 A formação E o perfil do profissional pedagogo que atua no hospital	41
2.5 O papel do lúdico na pedagogia hospitalar junto às crianças e adolescentes	43
Considerações Finais	45
Referências	46

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como objeto de pesquisa a pedagogia em ambiente não escolar, mais especificamente, a atuação do pedagogo no Hospital Municipal de Castanhal. Tendo, sobretudo a intenção de colaborar para o conhecimento do pedagogo e suas possibilidades e desafios de atuação profissional para além do meio escolar.

Diante da nova ordem mundial de globalização, novos campos de trabalho de áreas diversas de formação profissional estão cada vez mais em evidência. Nesta pesquisa, abordaremos o pedagogo e sua atuação no ambiente hospitalar ante esta nova possibilidade de atuação.

Em meio ao grande desenvolvimento tecnológico que a população global vive atualmente, é de se imaginar também que neste contexto a sociedade busque meios de ser igualitária e inclusiva. O que vemos é uma classe social engajada em busca de direitos educacionais que prevaleçam esta inclusão e conseqüentemente novas alternativas de trabalho.

Trabalhando como Técnica em Enfermagem em um hospital de minha cidade e no decorrer da graduação do curso de pedagogia foi ministrada a disciplina Pedagogia em Ambientes não Escolares, o que colaborou para o meu envolvimento com o tema, queria compreender como podia atrelar a enfermagem com a pedagogia.

Percebi a ampliação e contribuição da educação em ambientes hospitalares no processo de tratamento e recuperação da saúde integral da criança/adolescente hospitalizado, destacando-se as formas da intervenção pedagógica neste novo espaço da prática educativa que se constitui o hospital.

Durante o curso de graduação, não há em específico uma disciplina sobre Pedagogia Hospitalar, e sim, a disciplina Pedagogia em Ambientes Não Escolares, fato que abordou minha curiosidade no decorrer do estágio da referida disciplina a partir de minha profissão.

Trabalho como Técnica em Enfermagem em um hospital privado, conveniado com o Sistema Único de Saúde (SUS), convivendo profissionalmente com crianças e vivenciando seu dia a dia dentro do hospital em condições de internados, surgem alguns questionamentos de como exercer a pedagogia dentro de um hospital? Qual sua função na equipe hospitalar?; em que situações o pedagogo pode agir diante de

uma criança hospitalizada? Visto que a humanização é uma das práticas que amenizam o impacto da mudança de realidade de uma criança nesta condição.

Estamos de acordo com o pensamento de Pirozzi (2014, p. 44) que diz que “o pedagogo hospitalar também oferece suporte pedagógico emocional aos pais e familiares, com o intuito de fortalecer a família para o enfrentamento das dificuldades momentâneas causadas por acidentes, doenças e outras ocorrências”. Em vários momentos de minha vida profissional me deparei com algumas dessas dificuldades momentâneas descritas pelo citado autor. Tive que interferir na condição emocional de muitos pais ou responsáveis pelas crianças, uma vez que sua condição de entendimento diante da necessidade de internação da criança era de não aceitar tal fato. Orientando, dialogando chegava-se ao objetivo desejado, que era o internamento da criança.

Para Loss (2014, p.55) “a pedagogia hospitalar como um objeto de estudo teórico e prático induz a universidade em parceria com as redes de hospitais ao investimento no ensino” o que enfatizamos como possibilidades de mais campo de atuação para o profissional pedagogo.

A Pedagogia Hospitalar, sob a nomenclatura de Classe Hospitalar, está contemplada no Referencial de Educação Especial (2001) como um direito da criança. Ela não está na educação dita regular, é um direito especial. Ainda que alguns profissionais da área da saúde não valorizam a Pedagogia Hospitalar, este cenário tende a ser alterado, pois a própria classe hospitalar e a sociedade, ainda que aos poucos, vai percebendo que profissionais de áreas diversas compondo equipe multidisciplinar de saúde é benéfico para o paciente hospitalizado contribuindo para um tratamento mais humanizado.

Entendemos que o tema deste estudo é de fundamental importância e contribuição para o profissional pedagogo, e desta forma, assegura também o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que diz no item 9 na Resolução nº 41, do Conselho Nacional de Saúde, de outubro de 1995, – “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

Diante do exposto nosso objetivo de forma geral é analisar a Pedagogia em ambiente não escolar e a atuação do pedagogo no Hospital Municipal de Castanhal. Como objetivos específicos buscamos discutir à luz do referencial teórico a Pedagogia em Ambiente Não formal; entender a Pedagogia no hospital, algumas formas de

atuação do (a) pedagogo (a) e por fim, identificar a relevância da Pedagogia Hospitalar na reabilitação da criança/adolescente hospitalizado na concepção do (a) pedagogo (a).

Com respeito à organização estrutural, o presente trabalho está dividido em quatro momentos: a introdução, dois capítulos divididos em subtítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo está estruturado em torno dos conceitos sobre a pedagogia não formal, com base na pedagogia em ambiente hospitalar. O segundo capítulo vem desvelando o lócus da pesquisa, analisando-se os dados coletados nas observações da pesquisa de campo feita no Hospital Municipal de Castanhal (HMC), neste momento, utilizaremos referencial teórico e conceitos de alguns estudiosos da área, já nas considerações finais, apresentamos as reflexões sobre a prática pedagógica no HMC.

SEÇÃO I
A PEDAGOGIA NÃO FORMAL

1.1 Consideração sobre a educação

Nossa sociedade sofre transformações ao longo do tempo. Hoje, no mundo contemporâneo, observamos que esse processo de mutação é nada mais que a ampliação da forma de educar, para Saviani (2007);

[...] a pedagogia se desenvolveu em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática sendo, em determinados contextos, identificada com o próprio modo intencional de realizar a educação. Ao longo de vários séculos a pedagogia construiu uma rica tradição teórica e científica sobre a prática educativa que deve continuar a ser desenvolvida, [...]. (SAVIANI 2007, p. 100).

Sabemos que as atitudes pessoais nos definem sobre o contexto familiar ou social, pois, para muitos, a educação é o que vivemos no nosso cotidiano, é o que aprendemos em casa, na rua, com os amigos, com efeito:

a educação, para além da sua configuração como processo de desenvolvimento individual ou de mera relação interpessoal, insere-se no conjunto das relações sociais, econômicas, políticas culturais que caracterizam uma sociedade. [...]. Com base nesse entendimento, a prática educativa é sempre a expressão de uma determinada forma de organização das relações sociais na sociedade. Se, a par disso, vemos cada forma de organização social como resultado das ações humanas, portanto, passível de ser modificada, também a educação é um acontecimento sempre em transformação. Ou seja, os objetivos e conteúdos da educação não são sempre idênticos e imutáveis, antes variam ao longo da história e são determinados conforme o desdobramento concreto das relações sociais, das formas econômicas da produção, das lutas sociais. (LIBÂNEO, 2010, p. 79).

As novas gerações são menos dependentes no que se refere a tradições e costumes educacionais, decerto que esses valores cada vez mais sofrem interferência da sociedade, que vive em prol do famigerado capitalismo, contribuindo para a desvalorização de costumes, portanto, diante desta ocasião, a modernização desta mesma sociedade é apontada como força propulsora dessas mudanças.

Podemos dizer que a educação está presente em nosso dia a dia, seja em instituições específicas de ensino ou não, seja na configuração de diferentes perspectivas apresentadas mediante ação consciente dos cidadãos, podendo até mesmo a desigualdade de oportunidades, de bens e direitos, assim, corroboramos com Brandão (1985) quando diz que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: Educação? Educações. [...]. Não há uma única forma, nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. (BRANDÃO 1985, p. 7-8).

Estamos diante de um sistema político que pouco a pouco vem destronando o poder da educação, seja pela forma de investimento de verbas do governo, seja pela logística funcional, ou até mesmo a falta de políticas públicas que venham colaborar para uma qualidade da educação, percebemos o quanto a mesma deveria ser primordial para o desenvolvimento de uma nação, como um todo,

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem, e praticam, para que elas reproduzem, entre todos os que ensinam e aprendem o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de condutas, às regras do trabalho, os segredos da arte ou religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reivindicar, todos os dias, a vida do grupo e de cada um de seus sujeitos, através de trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração a geração, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 2005, p.10)

No entanto, percebe-se que os fatores citados acima, atrelados ao cenário econômico e social que se encontra nosso país, citamos a má distribuição de renda, levando famílias de baixo poder aquisitivo fora da escola, deficiência de formação dos professores, baixa remuneração, fatores estes que conseqüentemente reflete para um sistema educacional deficiente:

[...]. Os problemas e dilemas continuam, persistem velhos preconceitos, mantém-se apego a teses ultrapassadas, às vezes com o frágil argumento de que são conquistas históricas. [...]. Junto a essas dificuldades, é visível que a profissão de pedagogo, como a de professor, tem sido abalada por todos os lados: baixos salários, deficiências de formação, desvalorização profissional implicando baixo status social e profissional, falta de condições de trabalho, falta de profissionalismo, etc. esses fatores, por sua vez, rebatem na desqualificação acadêmica da área, fazendo com que docentes e pesquisadores de outras áreas desconheçam a especificidade da Pedagogia, embora a critique. (LIBÂNEO, 2010, p. 25-26).

Este cenário falido da educação afeta as camadas da sociedade menos favorecidas do sistema econômico, no entanto, há também um grande valor dos impostos pagos pela sociedade como um todo que seria alternativa para investimentos, principalmente para as pessoas/famílias que não têm oportunidade de estudar, refletindo em um futuro com poucas possibilidades de aumentar a renda familiar, porque não tiveram oportunidade de estudar.

Não é possível, hoje em dia, aumentar substancialmente a renda média de adultos sem instrução, nem se consegue educar adequadamente crianças cujas famílias vivem à beira da miséria. Por isso mesmo, ao se traçar uma política educacional, há de se evitar a posição simplista de que se pode resolver o problema da pobreza apenas abrindo escolas. Pobreza e ausência de escolarização são deficiências que somente poderão ser superadas se

enfrentadas simultaneamente, cada uma em seu lugar próprio.
(GOLDEMBERG, 1993, p. 65)

A citação acima, quando discorre sobre a ausência de escolarização, está se referindo ao espaço dito formal de educação, no caso, a escola. Ainda de acordo com o autor, as famílias miseráveis não têm como educar suas crianças, pois a partir do enunciado acima, observamos que os adultos não instruídos de hoje refletem em crianças ausentes da escola.

Bem sabemos que a educação não está mais apenas dentro das escolas, é possível que ao observarmos vários campos de atuação do profissional pedagogo, dentre esses novos espaços, a educação não formal, como disse Gonh (2010, p. 16) é aquela que se aprende no “mundo da vida”.

No entanto, pensar em adultos instruídos e conseqüentemente crianças educadas é pensar apenas que essas condições existem pelo fato de haver a escola, pois, neste ambiente, as atividades didáticas realizadas são as premeditadas, as elaboradas com o intuito de educar as pessoas de acordo com o sistema proposto. No entanto, as experiências pedagógicas fora da escola hão de ser mais destacadas, pois também se aprende assim, e chamamos essa educação de não formal, sendo aquela que de acordo com Gonh (2010, p. 22) “demarca-se que a educação não formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadores de titularidades”. Ainda de acordo com a autora, a educação não formal ajuda o indivíduo a desenvolver processos como:

Consciência e organização de como agir em grupos coletivos; a construção de concepção (ões) de mundo e sobre o mundo; contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade; forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas o capacita para entrar no mercado de trabalho); [...]; os indivíduos adquirem conhecimentos a partir de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca; [...]. (GONH, 2010, p. 21).

Portanto, entendemos que a educação não formal também pode contribuir para que crianças se transformem em adultos instruídos e valorizados, diante deste fato, a contemporaneidade nos traz formas distintas de descrever a educação, mas, neste estudo discorreremos na leitura de Arantes (2008) sobre educação formal e não formal:

Pode-se dizer que a educação dita formal é muito recente na história humana. Não porque ela coincida – o que é um fato – quase completamente com a educação escolar, pois esta já existia há séculos antes de cristo, na Antiguidade clássica. Mas porque o caráter formal da educação decorre

essencialmente de um conjunto de mecanismos de certificação que formaliza a seleção (e a exclusão) de pessoas diante de um mercado de profissões estabelecido, que só começou a se configurar há cerca de 250 anos. (p.59-60).

É perceptível na sociedade atual uma ampliação do sistema escolar, principalmente quando falamos da escola pública, onde houve uma elevada consideração social no sentido democrático de igualdade o que de acordo com Arantes (2008):

[...] a dimensão da igualdade foi promovida, seja porque uma parte dos serviços do Estado alcançou segmentos sociais antes não tocados por este, seja porque, com essa difusão, as escolas se tornaram, em considerável medida, lugares de convívio entre pessoas de diferentes níveis de renda. [...]. (p. 67).

Portanto, novos horizontes profissionais serão abertos a partir da democratização da escola, uma vez que os serviços profissionais serão ampliados, busca-se também o aumento da qualificação destes profissionais, que para o campo da educação não-formal:

[...] conjunto de meios e instituições que geram efeitos educacionais a partir de processos intencionais, metódicos e diferenciados, que contam com objetivos pedagógicos prévia e explicitamente definidos, desenvolvidos por agentes cujo papel educacional está institucional ou socialmente reconhecido, e que não faz parte do sistema educacional graduado ou que, fazendo parte deste, não constitui formas estrita e convencionalmente escolares. (TRILLA, 1985 *apud* ARANTES, 2008, p. 63).

Deste modo, a educação não-formal, está presente no dia a dia, na coletividade, em diversos locais, dentre os quais podemos destacar: Centros comunitários, Organização Não Governamentais (ONG's), Museus, hospitais, Clubes, portanto, há processo educativo, e o pedagogo como profissional influente neste seguimento pode atuar nesses espaços, pois o mesmo estará colocando em prática seu processo educativo nestas instituições.

Diante do exposto, corroboramos com Libâneo (2010, p. 26) pois para ele, “[...] as transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades”, o que é evidenciado em nosso sistema educacional, pois, várias são as formas, as didáticas de ensinar e aprender, levando em conta a região, os dialetos de cada população.

No que se refere ao campo da economia, o mundo hoje vive uma grande transformação, principalmente com a oferta de meios tecnológicos, e este seguimento, de certo afeta o campo da Educação, pois:

Considerando-se, ainda, os vínculos entre educação e economia, as mudanças recentes no capitalismo internacional colocam novas questões para a pedagogia. O mundo assiste hoje a intensas transformações, como a internacionalização da economia, as inovações tecnológicas em vários campos como a informática, a bioenergética. Essas transformações tecnológicas e científicas levam à introdução, no processo produtivo, de novos sistemas de organização do trabalho, mudança no perfil profissional e novas exigências no perfil profissional dos trabalhadores, que acabam afetando os sistemas de ensino. [...]. (LIBÂNEO 2010, p. 27-28).

Educar nessa sociedade do século XXI é uma tarefa árdua, envolve família, escola, sociedade, economia. Cada um desses seguimentos deve ter a consciência de seu papel perante desafios de preparar o futuro de uma nação através de meios que busquem a valorização do cidadão, uma vez que novas possibilidades de campos de trabalho são iminentes no mundo globalizado em que vivemos.

De acordo com Libâneo (2010, p. 75) “as concepções pragmáticas concebem a educação como um processo imanente ao desenvolvimento humano, cujo resultado é a adaptação do indivíduo ao meio social”. De acordo com este pensamento o pedagogo então, não necessariamente tem que trabalhar em uma escola, mas também no ambiente hospitalar, onde este profissional estará contribuindo para a adaptação, readaptação de pessoas.

1.2 A Pedagogia Hospitalar e seus fundamentos

Este tópico apresenta um breve histórico sobre a Pedagogia Hospitalar, bem como seus fundamentos e surgimento no Brasil. Discorreremos sobre a prática pedagógica no hospital e sua importância neste ambiente, fazendo uma breve contextualização sobre o termo Pedagogia, e desta prática dentro do Hospital, mencionando autores que discutem sobre a definição do significado Pedagogia Hospitalar.

Desde já enfatizamos que o termo educação esteve desde os primórdios nas civilizações, ou seja, é um termo que veio antes da pedagogia. Pedagogia e Educação se encontram e atuam juntas quando o processo de construção de conhecimento é um fator comum entre si. Para Saviani (2007),

Desde a Grécia tem-se feito uma dupla referência para o conceito de Pedagogia. O mesmo apresenta uma definição de que a pedagogia desenvolveu-se por um lado ligada à filosofia, elaborada em função da ética que guia a atividade educativa, no sentido empírico a pedagogia é entendida como formação para a vida, reforçando o aspecto metodológico presente na etimologia da pedagogia como meio, caminho para a condução da criança. (SAVIANI, 2007 *apud* MACEDO, 2009, p. 15).

Entendemos que o processo da falta de saúde em um indivíduo é uma ação biológica, muitas das vezes esta ação instabiliza as relações sociais entre os seres. A pessoa doente, fica fragilizada física e emocionalmente, ainda mais na condição de internada. O ambiente hospitalar, para muitos é considerado, inóspito, causa estranheza, e as crianças, por sua natureza, são as mais vulneráveis a este sentimento.

A nível mundial, consideramos que o marco pioneiro para a Pedagogia Hospitalar data de meados de 1935, com Henri Sellier quando da Segunda Guerra Mundial, inaugurou nos arredores de Paris a primeira escola para crianças inadaptadas. Este exemplo se ampliou por outros países da Europa e os Estados Unidos da América.

Em 1939, Henri Sellier cria o termo Pedagogia Hospitalar e o Ministério da Educação da França projeta o cargo de professor hospitalar, com o intuito de possibilitar a crianças e adolescentes –inclusive os vitimados pela guerra- internados a continuação de seus estudos dentro do hospital. Este fato acarretou em um novo conceito de atuação do professor.

Desta forma, seria preciso aperfeiçoar o profissional para tal condição neste novo ambiente de trabalho, foi então criado o Centro Nacional de Estudos e de formação para a Infância Inadaptada de Suresnes, representado pela sigla C.N.E.F.E.I., objetivando assim, levar a formação para professores que iriam atuar em unidades hospitalares.

No Brasil, a Pedagogia Hospitalar data de meados do ano de 1950, no Hospital Municipal Jesus, no estado do Rio de Janeiro¹, hospital de referência no atendimento pediátrico em várias especialidades. No entanto, ainda para este tipo de atendimentos em hospitais, as leituras e pesquisas apontam para o ano de 1931 na Santa Casa de Misericórdia, em São Paulo quando do atendimento a crianças vítimas da poliomielite (MAZZOTA, 1996, p. 38-39)². Assim, estudos apontam diferentes estados pioneiros

¹ O Hospital Municipal Jesus é hoje uma Unidade de Referência para o tratamento especializado na maior parte das patologias pediátricas, incluindo as clínicas, cirúrgicas de uma forma geral, ortopédicas, neurocirúrgicas e cirurgia plástica. *Fonte: Associação REPARTIR e Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Disponível em <http://portal2.trtrio.gov.br>; acesso em 03 de janeiro de 2018.*

² Educação Especial no Brasil-História e políticas públicas. Livro publicado na cidade de São Paulo. Informações retiradas: <https://scholar.google.com.br/scholar?lookup=0&q=Educação+Especial+no+Brasil-História+e+políticas+públicas&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 acesso em 03 de janeiro de 2018.

em nosso país, tais como, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, no atendimento pedagógico e/ou ações educacionais a criança hospitalizada.

No estado do Pará, segundo Saldanha (2012) em 1993 o Hospital Ophir Loyola (HOL) inicia o atendimento por meio da oferta de práticas lúdico/pedagógicas na brinquedoteca desta instituição. De acordo com Lacerda e Silva (2017, p. 72), o Hospital Ophir Loyola é pioneiro na introdução de Pedagogos no ambiente hospitalar, onde juntamente com Assistentes Sociais “sentiram a necessidade de qualificar o tempo ocioso das crianças internadas com ações pedagógico-educacionais, ofertando o auxílio de escolarização hospitalar”. Ainda de acordo com as autoras, o HOL “aparece no estado do Pará como pioneiro ao executar atividades educativas em hospitais”.

O HOL, localizado na capital Belém, traz como referência neste tipo de atendimento hospitalar o projeto denominado Prosseguir, que atende crianças em tratamento oncológico, que permanecem no hospital por longos períodos. Ao longo dos tempos, com o aumento de usuários do projeto, o governo do estado então regularizou as atividades educativas do HOL como políticas de Estado.

A atual legislação educacional brasileira dá ênfase ao trabalho pedagógico em hospitais, uma vez que muito se fala em humanização, portanto a contemporaneidade apenas aperfeiçoou o atendimento pedagógico nos hospitais, assim, segundo Matos e Mugiatti (2009) a Pedagogia Hospitalar surgida no Brasil, com raízes em solo paranaense:

O papel da educação, por sua vez, torna-se cada vez mais importante face à multiplicidade de demandas das necessidades sociais emergentes; é o motivo pelo qual precisa a educação, como mediadora das transformações sociais, com o apoio das demais ciências, contribuir, com maior rapidez e criatividade, para uma sociedade consciente, mais justa e mais humana (p. 13).

Uma sociedade que deve ter seus olhos voltados para o todo, objetivando o aperfeiçoamento humano, construindo uma nova consciência onde a sensação, o sentimento, a integração e a razão cultural valorizem o indivíduo, uma vez que o hospital é, para muitos um ambiente frio e que traz sensação de medo. Segundo definição do Ministério da Saúde, o hospital também é um contexto no qual se faz educação:

Hospital é a parte integrante de uma organização médica e social, cuja função básica consiste em proporcionar à população assistência médica integral, curativa e preventiva, sob quaisquer regimes de atendimento, inclusive o domiciliar, constituindo-se também em centro de educação, capacitação de

recursos humanos e de pesquisas, em saúde, bem como de encaminhamento de pacientes, cabendo-lhe supervisionar e orientar os estabelecimentos de saúde a ele vinculados tecnicamente. (BRASIL, 1977, p.9).

Diante da realidade supracitada acima, observou-se a questão de humanização, a classe hospitalar também como finalidade de ressocialização da criança através da inclusão, pois, o profissional pedagogo, independente da área de atuação, seja ela formal ou não formal precisa estar em constante atualização de educação continuada para que haja uma construção de conhecimentos nesses ambientes, pois:

A pedagogia hospitalar aponta, mais um recurso contributivo à cura. Favorece a associação do resgate, de forma multi/inter/transdisciplinar, da condição inata do organismo, de saúde e bem-estar ao resgate da humanização e da cidadania. [...] neste ângulo de possibilidades educativas é que se situa a área de educação diferenciada – o hospital – onde se situam crianças/adolescentes [...]. Matos; Mugiatti (2006, p. 29).

A falta de saúde atrelada a períodos de internação afeta socialmente um indivíduo que acostumado em um contexto social, como a escola, por exemplo, diferente de o ambiente hospitalar, que para muitos é considerado um ambiente frio, sombrio, estes sentimentos tornam-se mais evidentes em crianças e adolescentes:

Além disso, o pedagogo hospitalar também oferece suporte pedagógico emocional aos pais e familiares, com o intuito de fortalecer a família para o enfrentamento das dificuldades momentâneas causadas por acidentes, doenças e outras ocorrências. Pirozzi (2014, p. 44).

A Pedagogia Hospitalar vem se expandindo no atendimento às crianças hospitalizadas, pois quando estão internadas não possuem uma rotina normalizada, e precisam ter participação efetiva no processo ensino aprendizagem, buscando também oferecer assessoria e atendimento emocional e humanístico tanto para o paciente (criança/jovem) como para o familiar (pai/mãe) que muitas vezes apresentam problemas de ordem psicoafetiva que podem prejudicar na adaptação ao espaço hospitalar, mas de forma bem diferente do psicólogo. De acordo com o Conselho Nacional de Educação em sua Resolução CNE/CP Nº 1 de 15 de maio de 2006 diz:

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo.

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de julho de 1990, em seu capítulo IV Art. 53 “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, [...], preparo para o exercício da cidadania e

qualificação para o trabalho, [...]”, preconizando o direito da criança e adolescente internado a ter acesso à educação, ratificando este comentário com o Ministério da Educação (MEC) em seu Capítulo VIII, Art. 205 “a educação, direito de todos, e dever do Estado e da família, [...]”.

Entender como é a prática pedagógica em um hospital, sua intencionalidade, quais fatores e indivíduos estão envolvidos neste ato é o princípio de uma conscientização acerca da necessidade de se disponibilizar este atendimento.

É de extrema importância a atuação da pedagogia hospitalar neste momento para que o indivíduo não fique adstrito somente ao tratamento que está sendo realizado, mas que também mantenha o contato com práticas que o ajudarão a manter o convívio social, possibilitando um desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e afetivo, tornando-se necessário que os agentes da educação e da saúde saibam da importância do atendimento educacional à criança e adolescente hospitalizados:

A hospitalização é um acontecimento permeado por situações de medo e tristeza, com o potencial de paralisar o processo de construção de si e do conhecimento. No entanto, uma ação de acolhida dos medos, desejos, ansiedades, confusões e ambivalências, com adequado nível de informação permitirão a produção de conhecimentos sobre si e uma construção positiva a respeito da saúde, porque a dimensão corpo não se separa da dimensão cognitiva (CECCIN, 1997, p. 47).

Ainda de acordo com a autora acima, uma escuta pedagógica em ambiente hospitalar é afirmar positivamente a experiência da doença ou hospitalização e não a marcar como ruptura com os laços interativos da aprendizagem de si, do mundo e das relações.

Neste sentido, a abordagem pedagógica pode ser entendida como instrumento de suavização dos efeitos traumáticos da internação hospitalar e do impacto causado pelo distanciamento da criança de sua rotina, principalmente do afastamento escolar. O período de hospitalização deve ser transformado num tempo de aprendizagem, de construção de conhecimento, adquirindo novos significados:

Alguns países desenvolvidos têm implementado políticas no intuito de orientar as instituições de saúde para a saúde da comunidade, educação continuada e capacitação comunitária, considerando que o hospital como parte integrante do sistema de saúde deve constituir-se como espaço comunitário. (SILVA *et al.* 2011, p. 597).

Consideramos então o exposto acima, que a educação não é restrita à escola, bem como a falta da saúde não se limita somente ao hospital, assim, perceberemos os vários tipos de educação, e os diferentes espaços onde a mesma pode ser exercida.

1.3 O hospital como lugar de educação e reabilitação da saúde

O conhecimento sobre Pedagogia Hospitalar vem aumentando ao longo dos tempos, ainda que este conhecimento seja necessário na formação dos profissionais da educação, principalmente o pedagogo, para que este possa atuar junto ao educando hospitalizado que precisa de atendimento pedagógico.

[...] a pedagogia se desenvolveu em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática sendo, em determinados contextos, identificada com o próprio modo intencional de realizar a educação. Ao longo de vários séculos a pedagogia construiu uma rica tradição teórica e científica sobre a prática educativa que deve continuar a ser desenvolvida, [...]. Saviani (2007, p. 100).

A partir do momento em que a criança é submetida a uma intervenção hospitalar, ela continua sendo criança, agora, em condição de paciente, desse modo se sente retraída pela própria rotina que lhe é imposta, neste cenário, o papel do profissional pedagogo hospitalar tende a:

A contribuição das atividades pedagógicas para o bem-estar da criança enferma passa por duas vertentes de análise. A primeira aciona o lúdico como canal de comunicação com a criança hospitalizada, procurando fazê-la esquecer, durante alguns instantes, o ambiente agressivo no qual se encontra, resgatando sensações da infância vivida anteriormente à entrada no hospital. Essa vertente procura distrair a criança e, muitas vezes, o que consegue é irritá-la, e certamente não contribui para que ela reflita sobre a própria experiência e aprenda com ela. A segunda trabalha, ainda que de forma lúdica, a hospitalização como um campo de conhecimento a ser explorado. Ao conhecer e desmitificar o ambiente hospitalar, ressignificando suas práticas e rotinas como uma das propostas de atendimento pedagógico em hospital, o medo da criança, que paralisa as ações e cria resistência, tende a desaparecer, surgindo, em seu lugar, a intimidade com o espaço e a confiança naqueles que ali atuam. (FONTES, 2010, p. 122).

Corroboramos com o autor que em consonância com o ECA em sua Resolução 41/95, conhecida como “Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados” indicando no ato de sua elaboração, direitos específicos para o público mencionado. Este fato possibilitaria ao público destinado uma aproximação mais afetiva, gerando uma permanência menos hostil no ambiente hospitalar.

A prática pedagógica no contexto hospitalar traz uma mudança de pensamento relacionada ao comportamento. Observamos que no ambiente hospitalar, o profissional pedagogo não age apenas com o intuito de chamar atenção da criança para o lúdico. A abertura deste novo campo de trabalho colabora para o profissional aprimorar suas técnicas e ações junto aos internados e aos seus familiares/acompanhantes, uma vez que este ambiente laboral é considerado complexo no sentido de serviço, pois, lidamos além do cuidar da saúde do paciente,

com serviços que vão desde o atendimento médico até os recursos humanos do estabelecimento.

A Pedagogia Hospitalar, por suas peculiaridades e características, situa-se numa inter-relação entre os profissionais da equipe medica e a educação. Tanto pelos conteúdos da educação formal, como para a saúde e para a vida, como pelo modo de trazer continuidade do processo a que estava inserida de forma diferenciada e transitória a cada enfermo. (MATOS; MUGIATTI, 2001, p.37)

O trabalho do pedagogo se dará através de atividades lúdicas e recreativas como: a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas, a continuação dos estudos no hospital. Essas práticas são as estratégias da Pedagogia Hospitalar para ajudar na adaptação, motivação e recuperação do paciente, que por outro lado, também estará ocupando o tempo ocioso.

Vários serão os momentos em que esse profissional irá entrar em ação, focando-se no processo ensino e aprendizagem nos leitos ou nas classes hospitalares, levando o doente a ter a oportunidade de brincar e aprender ao mesmo tempo, independente da sua enfermidade, pois existe um planejamento para cada um que esteja internado.

Muitas são as situações referentes aos problemas de saúde em que as crianças têm de ficar ausentes da escola, no caso de internamentos hospitalares encontramos crianças em idade escolar que por este motivo estão afastadas da escola. Neste contexto, é importante a implementação de profissionais pedagogos nos hospitais, visando assim, mudar a realidade da educação da criança e do adolescente internados, visando atender melhor estas pessoas. Então, com o surgimento desse atendimento dessa nova demanda profissional, nasce a necessidade de formular propostas para uma política voltada às necessidades pedagógicas no ambiente hospitalar, para que se torne possível a estas crianças e adolescentes o seu direito à educação.

O atendimento pedagógico em ambiente hospitalar é reconhecido pela legislação brasileira como direito da continuidade de escolarização àquelas crianças e adolescentes que se encontrem hospitalizados. Nos meios profissionais percebe-se uma vontade coletiva de mudar esta perspectiva, com esforços concentrados em programas inovadores direcionados à consecução do bem comum e a legislação brasileira, sobre a Educação Hospitalar amparada em cláusulas constitucionais garante a todas as pessoas o direito de ingresso e permanência na escola de acordo

com Decreto³ Nº 1044, de 24/10/1969 “são consideradas merecedoras de tratamento excepcional os alunos de qualquer nível de ensino, portadores de afecções congênitas ou adquiridas, [...]”.

O direito à educação a todas as crianças e adolescentes é um direito que está amparado na legislação brasileira, jamais há de ser negado para tais merecedores este direito. Uma criança hospitalizada tem direito de acordo com o CNDCA em sua Resolução nº 41, como:

a) Direito e proteção à vida e à saúde com absoluta prioridade e sem qualquer forma de discriminação; b) Direito a ser hospitalizado quando for necessário ao seu tratamento, sem distinção de classe social, condição econômica, raça ou crença religiosa; c) Direito a ser acompanhado por sua mãe, pai ou responsável, durante todo o período de sua hospitalização, bem como receber visitas; d) Direito de receber aleitamento materno sem restrições; e) Direito de não sentir dor, quando existam meios para evitá-la; f) Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar; g) Direito de não ser objeto de ensaio clínico, provas diagnósticas e terapêuticas, sem o consentimento informado de seus pais ou responsáveis e o seu próprio, quando tiver discernimento para tal; h) Direito a proteção contra qualquer forma de discriminação, negligência ou maus tratos; i) Direito ao respeito à sua integridade física, psíquica e moral; j) Direito a ter seus direitos constitucionais e os contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente respeitados pelos hospitais integralmente. Direito a preservação de sua imagem, identidade, autonomia de valores, dos espaços e objetos pessoais.

Os direitos citados acima, muitas das vezes não são colocados em prática, e por falta de conhecimento dos pais ou responsáveis estes direitos vão passando despercebidos no ambiente hospitalar.

1.4 Algumas práticas educativas no ambiente hospitalar

A legislação brasileira, na Constituição Federal de 1988, no Título VIII – Da Ordem Social, Capítulo III – da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I, artigo 205, está:

A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 121).

Diante do exposto, entendemos que o direito à educação é uma garantia que o Estado deve oferecer a todas as pessoas, em qualquer circunstância que esteja, ou

³ De acordo com dados do site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del1044.htm acesso em 13 de janeiro de 2018.

necessite, em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Nº 9.394/96, garante a todas as pessoas o direito de ingresso e permanência na escola:

O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

Vemos que ao garantir educação a todas as pessoas, o Estado em sua Constituição Federal de 1988 e a LDB 9.394/96 também enfatizam que o atendimento a essas pessoas seja possível em locais especializados, de acordo com a necessidade, para que assim, a integração do aluno seja possível quando este não tenha possibilidade de frequentar uma escola regular de ensino.

O Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) sob a Lei Federal 8.069 de 13 de julho de 1990, em seu artigo 3º e 4º enfatiza sobre:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana sem prejuízo da proteção integral que trata esta lei, assegurando-lhes por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de facultar o desenvolvimento físico e mental, moral espiritual e social em condição de liberdade e dignidade. (BRASIL, ECA, 1990)

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, ECA, 1990)

As bases legais que beneficiam o cidadão adoentado apontam para mais do que tratar o corpo doente, deve-se realizar um conjunto de ações que visem à melhora por completo do ser humano, ou seja, não só o físico como também o psíquico e todas as suas relações. Neste sentido, garantido por leis que regem o bem-estar do ser humano, independente de sua condição econômica, social, moral, o Estado há de oferecer essas oportunidades, neste caso, observamos a condição da pessoa em internamento hospitalar.

Em observações entre internados adultos e crianças, há uma diferença quando se nota o tempo ocioso destes dentro do hospital. Fora do ambiente hospitalar, os adultos têm sua vida corrida, trabalham, estudam, são independentes no ir e vir. Já as crianças, são dependentes, tem sempre a companhia de pais ou responsáveis, no entanto, a diferença de comportamento é notória entre esses dois grupos, e é perceptível que a criança é que mais fica debilitada. É aí que entra o trabalho do Pedagogo no Ambiente Hospitalar, oferecendo práticas educativas com um contexto

lúdico/pedagógico para essas crianças, não deixando de inserir pais e/ou responsáveis:

A pedagogia é necessária para a educação de uma sociedade, porém quando falamos de Pedagogia Hospitalar, sua dimensão se expande com força máxima envolvendo grandes questões que sustentam com veemência o desenvolvimento integral do ser, pois é nesta área que a visão do Pedagogo deve não só abranger o paciente em sua totalidade, como também levar em consideração as partes específicas do desenvolvimento da criança/adolescente. (TAVARES, 2011, p. 22)

Na vivencia hospitalar, em alguns momentos da estada de muitos internados, a questão emocional é um fator de estresse, e o pedagogo deve estar preparado para estas situações, sendo que a boa convivência é capaz de desfazer um humor retraído e melhorar a convivência dos internados no ambiente hospitalar.

As práticas educativas no contexto hospitalar mediadas pelo lúdico, pela brincadeira, pelo jogo, ajudam a ocupar o tempo das crianças internadas. Diante da condição patológica/terapêutica dessas crianças e adolescentes:

O brincar compreende, para a criança, um ato libertador por meio do qual eles dão asas à pedagogia hospitalar imaginação e exercitam a capacidade de criar coisas que divertem. Além disso, é fator importante para um crescimento saudável e feliz, haja vista a sua dimensão terapêutica, capaz de favorecer o desenvolvimento biológico, físico, emocional e as relações sociais que se estabelecem em meio ao jogo, ao brinquedo e as brincadeiras. (SILVA; ANDRADE, 2013, p. 64).

Dentro de um hospital, o objetivo da equipe multiprofissional de saúde, é cuidar para que a saúde do paciente seja reestabelecida. No caso do profissional pedagogo, a função não é o cuidar para a condição da saúde do paciente, no entanto, as práticas pedagógicas realizadas por este profissional contribuem na da condição patológica da criança internada, pois, de acordo com Loss (2014, p. 63) “no trabalho pedagógico hospitalar, é extremamente necessária sensibilização e a afetividade”.

Diante a citação da autora anteriormente, considerando “sensibilidade e afetividade” duas virtudes que devem ser propagadas e “extremamente necessárias” no ambiente hospitalar, é considerável também que políticas públicas de incentivo ao atendimento humanizado nos hospitais sejam capazes de envolver a equipe multiprofissional em prol de um atendimento recíproco de princípios e valores, considerando assim, a essência do ser humano, principalmente daqueles que buscam o hospital para métodos e melhorias para condição da saúde.

De acordo com leituras feitas, percebi que a pedagogia hospitalar ainda não se tem uma definição real visto que a Política Nacional de Educação (BRASIL, 1994, p. 20) traz uma pequena definição de Pedagogia Hospitalar, porém ainda é muito

parecida com a escolarização “Classe Hospitalar é um ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar. ”.

Praticar educação em ambiente não formal de educação, em especial no ambiente hospitalar, é nos permitido pensar também sobre a questão de educação e saúde. Muitas das vezes somos em nosso dia a dia pegos de surpresa pela falta de informação sobre determinado conhecimento, que talvez, se colocado em prática, seria evitada a ida da pessoa na condição de internado,

A falta de diálogo entre a Educação e a Saúde nos remete a repensar em como melhorar esses dois campos do saber, pois grande parte dessa crise está intimamente ligada à má Educação lecionada nos espaços educativos como também à má formação de profissionais das áreas do conhecimento. É preciso compreender que a Educação é requisito básico para que a Saúde possa ser um direito de todos garantido concretamente. (SILVA; ANDRADE, 2013, p. 35).

O profissional pedagogo dentro do ambiente hospitalar tem a ação construtiva do cuidar, no entanto, não o cuidar da patologia, da doença, mas, o carinho, o afeto, atenção. Essas ações do Pedagogo Hospitalar justificam atos da condição cuidar e educar, uma vez que agindo dessa forma, este profissional estará praticando rotinas simples que possam colaborar para melhorar a autoestima da criança, buscar uma melhor qualidade de vida a estas pessoas é importante para amenizar o sofrimento dos pacientes e colaborar para a não exclusão delas em seus contextos fora do hospital.

Certamente, o lado afetivo em muito é percebido no ambiente hospitalar, mas não se trata de ser um trabalho de psicólogo, no entanto, o pedagogo deve se aproximar da criança para compreendê-la em sua particularidade. Este vínculo de afetividade por meio da vivência, garante confiança, respeito, liberdade, assim a criança se sente segura e confortável para participar das ações/práticas educativas no ambiente hospitalar, como brincadeiras, jogos, contação de estórias, em um ambiente próprio para aguçar o lúdico, a brinquedoteca, como discorreremos na próxima seção.

SEÇÃO II
DESVELANDO O *LOCUS* DA PESQUISA

2- OS CAMINHOS

O presente trabalho teve como intuito, compreender as práticas do profissional pedagogo fora do ambiente escolar, neste caso, tivemos como foco de análise as práticas pedagógicas do Hospital Municipal de Castanhal, no qual através das observações no ambiente de pesquisa e da entrevista com a pedagoga da instituição, pudemos enriquecer e perceber a contribuição que a pedagogia traz para crianças e adolescentes que se encontram em tratamento de saúde no hospital.

Como profissional da área da saúde, pude observar um fator emergente em alguns momentos da pesquisa. Pois, acredito que em muitos momentos, o profissional pedagogo ajudou a inverter um quadro afetivo/emocional em alguns momentos da estada dos sujeitos doentes no hospital.

Não menciono aqui que o pedagogo tome para si o trabalho do psicólogo, no entanto, a parte emocional independe de categoria, de grau de hierarquia profissional, o que vale é a humanização, entendo que ninguém, enquanto paciente, pode ser tratado e visto apenas por sua doença ou deficiência, os profissionais diretamente ligados a ela devem tratar todos seus aspectos, incluindo o cognitivo e o emocional.

2.1 METODOLOGIA

Este tópico traz uma descrição sobre o método utilizado nesta pesquisa, embasado em autores como Lakatos e Marconi (2003), Severino (2007) e Chizzotti (2010).

A pesquisa tem abordagem qualitativa, a qual permite ao pesquisador, inferir no evento “[...] como menor unidade textual [...], passível de se analisar a frequência com que aparece no texto” (CHIZZOTTI, 2010, p. 117), é considerada uma pesquisa de fácil compreensão do problema. A coleta de dados através de entrevista não-diretivas, que de acordo com Severino (2007, p. 125) “por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir de seu discurso livre. [...], deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações”. Assim, acreditamos que deixamos a entrevistada com liberdade para usar sua expressividade.

Utilizamos neste estudo, a pesquisa de campo com teor exploratório, cujo método investiga a “pesquisa empírica” de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 188).

A partir desses pressupostos das pesquisas qualitativas e as tentativas de aproximarmos possíveis significados a respeito das práticas pedagógicas do profissional pedagogo fora do ambiente escolar, utilizamos, para isso, instrumentos que privilegiem tanto a observação, quanto a entrevista, pois:

[...]. A pesquisa segue uma metodologia de trabalho, ou seja, a lógica subjacente ao encadeamento de diligências que o pesquisador segue para descobrir ou comprovar uma verdade, coerente com sua concepção da realidade e sua teoria do conhecimento. Adota, para isso, um procedimento. [...]. Recorre, para realizar isso, a algumas técnicas ou instrumentos de coleta de dados que estarão conexos e subordinados aos procedimentos adotados na pesquisa. (CHIZZOTTI, 2010, p. 27).

Para a coleta de dados utilizou-se tanto a observação informal, a qual “consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas” (Lakatos e Marconi, 2003, p. 192).

O ambiente da pesquisa é o Hospital Municipal Dr^a Maria Laise Moreira Pereira Lima, mais conhecido como Hospital Municipal, de Castanhal. Para o Ministério da Saúde:

o hospital é parte integrante de uma organização Médica e Social, cuja função básica, consiste em proporcionar à população Assistência Médica Sanitária completa, tanto curativa como preventiva, sob quaisquer regime de atendimento, inclusive o domiciliar, cujos serviços externos irradiam até o âmbito familiar, constituindo-se também, em centro de educação, capacitação de Recursos Humanos e de Pesquisas em Saúde, bem como de encaminhamento de pacientes, cabendo-lhe supervisionar e orientar os estabelecimentos de saúde a ele vinculados tecnicamente (MINISTÉRIO DA SAÚDE, apud URCAMP, 2006).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁴, a cidade de Castanhal teve uma população estimada no ano de 2017 de 195.253 pessoas, é o quinto maior município em número de habitantes no estado do Pará, está inserido como espécie de metrópole da região Nordeste do estado. O Hospital Municipal de Castanhal (HMC) foi fundado em outubro do ano de 2002, na gestão do então prefeito municipal Paulo Titan, então, o funcionamento desde aquela época é de “portas abertas”, ou seja, por assim ser, o atendimento a todo e qualquer cidadão é aceito.

⁴ Dados retirados do site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/castanhal/panorama> Acesso em 21 de janeiro de 2018.

Com o aumento da população de Castanhal, e o atendimento de vários usuários de municípios vizinhos, o HMC foi ficando minúsculo em sua estrutura predial, fazendo com que reformas fossem feitas, salas, consultórios, novos espaços de atendimento hospitalar foram conjugados à nova realidade do ambiente hospitalar, foi então, que nasceu a brinquedoteca hospitalar, embasada na Lei Federal 11.104/2005 contemplando um novo espaço de atuação para o profissional pedagogo dentro do hospital na cidade de Castanhal.

De acordo com entrevista retirada do site da prefeitura, a administradora geral do HMC, Carla Lima enfatiza que o objetivo principal da nova gestão do hospital é humanizar o atendimento, aproximando cada vez mais o HMC da comunidade, buscando uma visão melhorada do ambiente, diz ainda que este tipo de atitude está de acordo com o Ministério da Saúde, no Documento Base para Gestores e Trabalhadores do SUS – Humaniza SUS (2004):

Por humanização entendemos a valorização dos diferentes sujeitos implicados nos processos de produção da saúde: usuários, trabalhadores e gestores. Os valores que norteiam esta política são a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a corresponsabilidade entre eles, o estabelecimento de vínculos solidários e a participação coletiva no processo de gestão (BRASIL, 2006).

Capacitações, treinamentos e palestras são feitas para os profissionais do HMC, bem como o convite se estende aos usuários do sistema, com o intuito de reforçar a prática ao atendimento humanizado.

Hoje, o hospital conta com cerca de duzentos profissionais dentre as várias funções: portaria, lavanderia, enfermagem, médicos, etc, garantindo assim, de acordo com a entrevista, a maior retaguarda médica de região e atende de oito a nove mil pessoas por mês. Para atender a toda essa demanda, o hospital, além de contar com todos esses profissionais, conta também com amplas e climatizadas salas/enfermarias, pediátrica e em masculina e feminina adulto, o que difere do setor de urgência/emergência.

Ao optar por essa pesquisa, entendemos que a investigação a novas possibilidades além dos desafios de atuação do pedagogo, há de fazer parte do conhecimento dos egressos, pois a atuação deste profissional na área hospitalar já é considerada de grande aceitação para o conjunto das ações melhoradas em prol das pessoas envolvidas.

O processo da pesquisa se deu através do contato direto, com entrevista para a pedagoga em seu ambiente de trabalho e observações. Para compreendermos

melhor o perfil deste profissional pedagogo que trabalha no hospital, os dados da entrevista foram trabalhados nas seguintes temáticas: observação com experiência de vivenciar este novo campo de trabalho e entrevista.

A entrevistada tem graduação em pedagogia, informa que trabalhar no HMC, para ela “é participar mais profundamente da vida do outro ser humano, de forma afetuosa”. Este relato é demonstrado quando observamos a pedagoga em sua jornada dentro do HMC, visto que a mesma atua não somente na pediatria do estabelecimento, também está presente e é solicitada em outras alas como as enfermarias destinadas a pacientes adultos.

Com influência positiva dentro do hospital, percebe-se que o profissional pedagogo tem uma articulação com a equipe gestora e profissionais do HMC, o que de fato é um ganho coletivo, pois a própria pedagoga diz que a integração da equipe “beneficia o usuário, o doente, a pessoa solicitada pelo nosso trabalho”.

2.2 As Análises

2.2.1 O Espaço da criança no Hospital: a brinquedoteca como um espaço de aprendizagem

As brinquedotecas hospitalares são obrigatórias nesses ambientes através da Lei Federal 11.104 de 2005. A garantia desse direito proporcionou amenizar o sofrimento, proporcionando bem-estar e alegria a crianças doentes internadas e seus respectivos pais ou acompanhantes. Uma condição que reflete uma estadia hospitalar mais sensível e humana.

As alas destinadas ao internamento hospitalar são subdivididas em infantil, feminina, masculina. Este tipo de divisão no momento da internação hospitalar buscou-se melhorar o acolhimento e estadia no atendimento ao paciente. Parte do setor pediátrico passa por intervenção de construção para que seja aumentado o número de internamentos. Observado que esta situação pouco altera o número de internamentos, pois, a obra é uma extensão para melhorar a acomodação dos dependentes.

A pediatria está dividida em enfermarias denominadas por pseudônimos de ‘algodão doce’, ‘pé de moleque’ e ‘jujuba’; a brinquedoteca, um espaço inaugurado no ano de 2011 e destinado a crianças de até doze anos incompletos; o posto do setor,

com a finalidade de receber os documentos de internação, além de uma sala anexa para que seja separada e preparada a medicação destinada a cada criança.

A brinquedoteca do HMC conta com duas profissionais pedagógicas⁵, no entanto, no decorrer de nossa pesquisa uma destas profissionais encontrava-se afastada dos serviços devido a licença prêmio acumulada em cargo público, ficando uma profissional fazendo os dois horários de expediente da brinquedoteca. A profissional que está presente em nossa pesquisa informa que sua graduação em pedagogia é do ano de 1999 e atua no HMC há cinco anos.

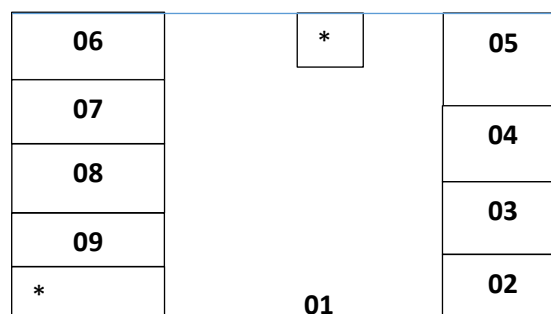
Me deparei com uma profissional pedagoga preocupada em mostrar as dependências da pediatria, embora não tomasse muito tempo para esse conhecimento, a profissional fez questão de nessa ocasião entrar nas enfermarias, e mostrar cada detalhe, informar sobre a importância da pintura desenhada na parede, sobre o ar ambiente de cada enfermaria, o que, para ela é:

A valorização do ambiente é uma condição que fazemos questão de oferecer para as crianças que aqui chegam, ficam mais acolhidas junto com os pais ou os responsáveis no decorrer da internação da criança. É a valorização da instituição para com as pessoas, é a humanização. (PEDAGOGA DO HMC, 2017).

Observamos na fala emotiva da pedagoga o quão esta profissional está adequada ao seu ambiente de trabalho, a familiaridade com que a mesma descreve este ambiente, este aspecto motivacional reflete em sua maneira de se portar aos pequenos enfermos, com afeto, alegria e a demonstração de que esses afetos ajudam na autoestima de muitos que estão no hospital.

Ao conhecer a pediatria, foi observado que assim está dividida em espaços que contemplam as necessidades dos usuários da mesma, dentre pacientes e acompanhantes, de acordo com a figura a seguir:

Figura 1: Organização da ala pediatria.



Fonte: a pesquisadora, 2017

⁵ É utilizado nesta pesquisa nome fictício que não representa o profissional envolvido.

- 01-Porta de entrada para a ala pediatria;
- 02-Posto de enfermagem;
- 03-Enfermaria algodão doce;
- 04-Brinquedoteca;
- 05-Departamento de material de limpeza;
- 06-Enfermaria pé-de-moleque;
- 07- Enfermaria jujuba;
- 08-Fraldário;
- 09-Copa-cozinha;
- * - áreas de circulação de ar.

Apresentaremos adiante, figuras do espaço da pediatria do Hospital Municipal de Castanhal:

Fotografia 1. Cantinho da leitura. Prateleira com livros e revistas.



Fonte: A pesquisadora, 2017.

A Pedagogia Hospitalar é um ramo da pedagogia que abrange o momento em que a criança, o adolescente está inerente aos cuidados da equipe hospitalar, no entanto, este momento é um momento em que fragiliza o emocional destes seres, pois acabam, com o contexto hospitalar, tornando-se mais sensíveis. É neste momento que a afetividade da equipe hospitalar há de prevalecer a sensibilidade, a humanização dos profissionais da equipe multiprofissional está em consonância com a política de humanização do SUS:

Segundo a Política Humaniza SUS (BRASIL, 2010), a humanização supõe troca de saberes entre os agentes envolvidos neste processo, além do diálogo entre os profissionais e modos de trabalhar em equipe (BRASIL, 2005). Sendo assim, entendemos a humanização como estratégia de mediação no processo de produção de saúde, estabelecendo-se como construção de atitudes ético-políticas em consonância com um projeto que se fundamenta no “respeito e valorização da pessoa humana, e constitui um processo que visa à transformação da cultura institucional por meio da construção coletiva de compromissos éticos e de métodos para as ações de atenção à saúde e de gestão dos serviços. (RIOS, 2009, p. 254, *apud* LOSS, 2014, p. 77).

As brinquedotecas em ambiente hospitalar é atualmente uma das realidades em expansão no Brasil, pelo fato de os diferentes novos espaços de campo trabalhista oferecerem uma grande possibilidade de atuação do profissional pedagogo, pois:

[...], os pedagogos necessitam de formação e preparação para atuarem em espaços que não sejam apenas escolares, superando a visão de que seu único campo de atuação consiste nos espaços escolares, e para isso a Universidade precisa proporcionar oportunidades para que essa formação aconteça criando condições para que o pedagogo conheça essas diferentes possibilidades de atuação. (LOSS, 2014, p. 88).

Quando falamos em brinquedoteca, remetemos à valorização do brincar, observamos também que a ação do brincar enaltece o respeito e a importância que essa prática traz à educação, uma vez que representa uma maneira de a criança se expressar, com novas experiências e possibilidades de novas aprendizagens:

O lúdico como recurso pedagógico direcionado às áreas de desenvolvimento e aprendizagem pode ser muito significativo no sentido de encorajar as crianças a tomar consciência dos conhecimentos sociais que são desenvolvidos durante jogo, os quais podem ser usados para ajudá-las no desenvolvimento de uma compreensão positiva da sociedade e na aquisição de habilidades. (BIAZOTTO, 2014, p. 17-18).

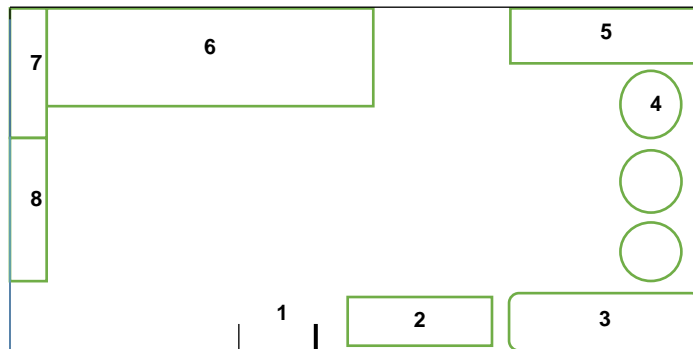
Fotografia 2. Espaço com mesas, banquinhos e brinquedos.



Fonte: A pesquisadora, 2017.

O respeito às crianças e a seus acompanhantes é percebido desde os profissionais da saúde quanto dos demais profissionais. Este sentimento é incentivado tanto pela gestão e administração do hospital, bem como da Prefeitura Municipal de Castanhal, pois, a humanização no modelo de atendimento no HMC começa, de acordo com a pedagoga “desde a entrada do paciente, estendendo-se à sua acomodação nas dependências do Hospital”, então, no caso da brinquedoteca, entendemos que este espaço está de acordo com as palavras da diretora, o que corrobora com um ambiente planejado para as crianças, pois, assim está dividida:

Figura 2. Organização da brinquedoteca.



Fonte: A pesquisadora, 2017.

- 1- Entrada da brinquedoteca;
- 2- Mesa com utensílios material de expediente das pedagogas;
- 3- Estante onde estão dispostos livros, revistas, lápis de cor, caderno de desenho;
- 4- Mesas com bancos, tem tamanho adequados para as crianças;
- 5- Cadeiras e bancos destinados a crianças e pais ou responsáveis pelas crianças;
- 6- Estante com vários brinquedos;
- 7- Banheiro para uso das pedagogas;
- 8- Televisor, aparelho de DVD e mesa.

Quando é observado a valorização do ser humano, respeitando sua condição patológica, seus direitos de usufruir de condições que colaboram para sua melhora, isto é:

Esses cuidados legais à criança/adolescente hospitalizados fazem valer, antes de tudo, as exigências constitucionais. Depois, a política de humanização proposta pelo governo no sentido de reconhecer a criança como uma pessoa de direitos que precisa ter um olhar integral na sua formação. (CAVALCANTE, 2015, p. 12932).

No ambiente hospitalar, os sujeitos do ambiente são os pacientes, que estão naquele local já com aspecto de tristeza, justamente por estar neste lugar, os profissionais da área da saúde têm por direito, dever, e até mesmo obrigação de estarem em alerta para ajudar, colaborar, orientar os sujeitos que ali se encontram e as políticas públicas de incentivo ao atendimento humanizado no ambiente hospitalar reforçam que este ambiente precisa ser o mais familiar possível.

2.3 O diálogo

Tive a oportunidade de entrevistar a pedagoga em exercício do Hospital Municipal de Castanhal –são duas, porém, no período da pesquisa, uma estava de licença saúde -, qual foi muito atenciosa em todos os momentos que foi necessária sua contribuição.

Quando perguntada à pedagoga do HMC sobre como as crianças aceitam uma pessoa para elas, estranha, ainda mais dentro de um hospital, um ambiente gélido:

Um profissional Pedagogo Hospitalar há de ser uma pessoa despida de qualquer preconceito, porque no hospital há pessoas –para nós as crianças-internadas de todos os gêneros, de todas as classes sociais, saber lidar com todos os tipos de pessoas e gostar do que faz. Em algum momento na vida daquelas crianças seremos lembrados pelo carinho que proporcionamos a elas em um momento tão difícil de suas vidas. As crianças nos aceitam pela nossa capacidade de envolvê-las com carinho, amor e dando liberdade de expressão, para brincar, pintar, escrever, elas aprendem brincando. (Pedagoga do Hospital Municipal de Castanhal, 2017).

As atividades pedagógicas que devem e podem ser desenvolvidas em classes hospitalares são: atividades de artes, leituras e Interpretação de estórias, construção de ideias, exibição de filmes, jogos e brincadeiras.

Fotografia 3. Prateleira com brinquedos, na brinquedoteca.



Fonte: A pesquisadora, 2017.

A atenção voltada para a criança e o cuidado com o planejamento e com o desenvolvimento das atividades propostas resultam em um significativo trabalho do pedagogo hospitalar, essa atitude do profissional procede em um ganho de confiança e aproximação entre profissional e usuário criança, aguçando o profissional a aumentar o respeito pelo estado patológico e emocional da criança.

Sobre a pergunta à pedagoga qual o tipo de preparação a mesma teve para atuar no hospital, a mesma foi enfática em dizer que “a vida prepara a gente para momentos especiais, isso aqui pra mim é muito especial, me sinto preparada”.

Embora a presença de mãe, pai ou parente responsável pela criança é uma condição indispensável no tratamento hospitalar de uma criança, a presença do profissional pedagogo acaba que conduzindo a criança a criar confiança neste profissional, pois no decorrer de meu trabalho formal como técnica em enfermagem em um hospital de minha cidade, várias foram as vezes em que observei crianças chorosas, sem entender o motivo porque foram levadas ao hospital, assim, corroboramos com:

As crianças de zero a cinco anos são as mais vulneráveis neste ambiente. É difícil para elas entender o motivo pelo qual foram trazidas ao hospital. A criança coloca para o adulto, seus pais e responsáveis, toda a sua vida, sente-se segura e confortada junto deles. Porém, no momento de internação, a criança passa a sentir-se insegura e não consegue entender o porquê de procedimentos dolorosos (CASTRO, 2009, p. 45).

Neste sentido, em minha vida de trabalho no hospital, me deparar com situações iguais as relatadas acima, chega a me causar constrangimento ao ver muitas das vezes os próprios responsáveis não ter paciência com os pequenos enfermos, que por este motivo tornam-se mais vulneráveis, mais sensíveis. Confesso que nessas horas percebo que sim, a brinquedoteca hospitalar é necessária, e a Lei Federal Nº. 11.104/2005 em seu Art. 1º engrandece o direito dos pequeninos e de seus familiares: “os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências”.

Em consonância com a política de humanização nos hospitais, este cenário aproxima tanto profissionais trabalhadores do hospital quanto os usuários crianças e seus familiares, o que observamos enquanto profissionais do hospital é que a falta de um espaço de lazer para crianças e familiares contribui para um humor retraído pela falta do lúdico em um momento tão sensível na vida da criança.

O pedagogo pode também contar com a presença de estagiárias para auxiliá-lo no trabalho realizado, pois em muitas situações as crianças não podem ir à sala de recreação, devido à patologia existente. Algumas crianças são atendidas em seu próprio leito pelas estagiárias, podendo assim, ter acesso a livros didáticos, atividades diversas, jogos pedagógicos de acordo com o nível cognitivo.

Assim, o entrosamento entre a equipe pedagógica, a equipe de saúde e a família se dá de maneira mais efetiva e eficiente, o que é benéfico para todos e, principalmente, para o indivíduo hospitalizado.

Em entrevista à pedagoga, indaguei a mesma sobre *que tipo de formação além da graduação a mesma obteve para trabalhar no hospital? Ao que a mesma respondeu:*

Tenho doze anos de graduação acadêmica e não me considero uma boa pedagoga, digo assim, daquelas de cortar, colar, fazer desenhos. Me considero uma profissional pedagoga que se adaptou ao ambiente hospitalar, a trabalhar com essas crianças, ouvir relatos dos pais, muitas vezes acabam se apegando a mim, as crianças pelas brincadeiras, os pais, responsáveis, gostam mais de conversar, então, minha formação é em pedagogia, não avancei nada além da graduação, estou aqui há quase seis anos e até quando a secretaria de educação do município não me mandar pra sala de aula, o que confesso, não irei achar legal, já passei por lá.

É preciso que o pedagogo hospitalar consiga distinguir que este profissional neste contexto está vinculado às propostas educativo-escolares, desenvolvendo as atividades formais de recreações ou lúdicas, entre outras, sendo que a nossa pesquisa é em especial o ambiente lúdico-educativo da brinquedoteca.

No dia seis de setembro de 2017, *a pedagoga relatou um episódio acontecido em seu ambiente de trabalho:*

Aqui no hospital, me sinto em um ambiente construtivo, porque todas as pessoas funcionárias do hospital que já tive contato, mesmo sem eu conhecer, me cumprimentaram, me lisonjearam pelo trabalho que estamos desenvolvendo na brinquedoteca para as crianças, então, como não ficar feliz e trabalhar bem em lugar tão harmonioso?

Foi comovente ouvir este relato, porque foi notório a emoção da profissional, uma vez que o tratamento recíproco das boas atitudes com certeza geram mais credibilidade e afeto no ambiente de trabalho.

Os atendimentos educativos-escolares ligados à ludicidade e recreação, na brinquedoteca são caracterizados como uma forma para o tempo passar mais rápido para esses internos. As atividades neste ambiente, de acordo com Cavalcante (2015, p. 3) “significa que há encaminhamentos para promover o desenvolvimento integral da criança e do adolescente mediante seus aspectos biológico, psicológico e social”.

Atuando em minha área profissional e junto com outras colegas, várias vezes nos deparamos com choros constantes de crianças, causando nos pais comentários que remetiam a não aceitação da internação, em outros momentos os choros das crianças eram juntos com o dos pais. Ora, como profissionais, que naqueles

momentos deveríamos agir como tal, falando dos benefícios para a saúde daquela criança quanto ao período de internamento. Assim:

Com a irritação provocada pela dor, o estresse de uma rotina diferente da que costuma viver com alimentação e espaço por vezes estranhos, a criança tende a sentir medo e insegurança. A presença da equipe de saúde também é uma novidade para a criança. Esta que terá que expor o seu corpo a recursos terapêuticos para tratar sua patologia. (CAVALCANTE, 2015, p. 12922-12933).

De alguma forma no enunciado acima, conseguimos cativar aquela mãe e a criança, e sem saber, estávamos colocando em prática a humanização. A Constituição Federal de 1998 em seu Art. 1º e inciso III tem como um de seus fundamentos “a dignidade da pessoa humana”.

A brinquedoteca no ambiente hospitalar está em consonância com os direitos da criança na Resolução nº 41 do CNDCA, *pois quando perguntado à pedagoga se existem critérios para usufruir da brinquedoteca hospitalar*, a mesma respondeu que “a brinquedoteca é aberta a todas as crianças até a idade de doze anos incompletos”, ainda na sequência da resposta, a pedagoga continuou:

...todas as crianças, até essa idade podem usufruir de todo o ambiente da brinquedoteca, porém, a entrada neste espaço só pode ser na companhia dos pais ou responsáveis, uma vez que eu enquanto pedagoga do ambiente, não me responsabilizo pela integridade física da criança, para isso, os pais ou responsáveis tem de estar com as crianças. Ao entrar na brinquedoteca, a criança está livre para usufruir do que desejar, temos jogos, brinquedos, livros de contos, pintura, tudo para descontrair, mas, sempre sob o olhar e em companhia de pais ou responsáveis. É uma forma de educar, brincando. (Pedagoga do Hospital Municipal de Castanhal, 2017).

Diante do relato acima, é de se questionar: no contexto da pedagogia hospitalar, qual a possibilidade o hospital ser um espaço de educação? De acordo com a pedagoga, a educação que a criança levará para casa “é a educação dos bons modos, do respeito, do amor, da esperança, porque a educação da escola é uma coisa letrada, mais formal”.

2.4 A formação E o perfil do profissional pedagogo que atua no hospital

Com o intuito de discutir a formação e o perfil do profissional pedagogo para atuar no hospital, este sub-tópico vem demonstrando peculiaridades e características da formação deste profissional.

As mudanças no perfil sócio econômico da sociedade refletem na abertura de novos campos de trabalho, em especial, o profissional pedagogo que bem diferente

de outros tempos, quebra-se o paradigma o qual o pedagogo ser um profissional que atua nas escolas.

Ao passar do tempo, desde meados de 1939, o curso de Pedagogia no Brasil foi sendo moldado por leis e pareceres que sancionados, tornaram a graduação do curso de Pedagogia como conhecemos hoje.

De acordo com Libâneo (2010, p. 45-46) “a primeira regulamentação do curso de Pedagogia no Brasil, em 1939, prevê a formação do bacharel em Pedagogia, conhecido como ‘técnico em educação’”, este cenário, ainda iria mudar nas décadas de 1970 a 1980, chegando até os dias atuais, sempre com as justificativas de melhoria para um melhor reconhecimento do curso e em consequência uma melhor visão para os profissionais pedagogos:

A história dos estudos pedagógicos, do curso de Pedagogia, da formação do pedagogo e de sua identidade profissional está demarcada por certas peculiaridades da história da educação brasileira desde o início do século. [...]. A adoção da teoria educacional de J. Dewey provoca, em muitas instituições de formação de educadores, o arrefecimento do núcleo de estudos denominado “Pedagogia” ou Pedagogia geral”. (LIBÂNEO, 2010, p. 47).

A contemporaneidade mostra o licenciado em Pedagogia, de acordo com o Parecer CNE/CP Nº 5/2005 explicando as Diretrizes Curriculares Nacionais:

Entende-se que a formação do licenciado em Pedagogia fundamenta-se no trabalho pedagógico realizado em espaços escolares e não-escolares, que tem a docência como base. Nesta perspectiva, a docência é compreendida como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia. (BRASIL, 2006, p. 7).

Muitos egressos do curso de pedagogia desconhecem a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar, fato que se torna mais ainda interessante para a possibilidade de haver uma disciplina específica para tal finalidade, assim, os egressos poderiam se aprofundar em termos de conhecimentos teóricos.

No hospital, diante de tanta atrocidade humana, o profissional pedagogo há de ser uma pessoa que cativa a atenção da criança hospitalizada, emanando de si um profissional que seja criativo, seja amigo, parceiro, dê atenção devida aos pequeninos.

A pedagoga do HMC relata não ter tido a oportunidade de especialização para trabalhar no hospital, no entanto, *quando perguntada sobre sua preparação para trabalhar no hospital, a pedagoga respondeu:*

Quando eu chequei aqui no HMC, me deparei com um ambiente totalmente diferente da sala de aula, pois dei aula para crianças de cinco, oito anos, e lá, são muitos meninos, meninas sob total responsabilidade nossa, do professor,

porque em sala de aula, nós somos responsáveis pelas crianças, aqui na brinquedoteca, a responsabilidade é dos pais, dos responsáveis pelas crianças na condição de internadas. Aqui estamos para dar um apoio afetivo, ler um livro, contar história, não tem caderno de plano de aula, mas não por isso deixamos de fazer o melhor que tem que ser feito, são crianças doentes, precisam de atenção redobrada. Não tive preparação pra vir pra cá, aprendi com o sentimento. (PEDAGOGA DO HMC, 2017).

Estas relações de aconchego, facilitam a aceitação da criança a encarar de forma mais cômoda a sua estadia no hospital. Ainda para o pedagogo atuar como profissional no ambiente hospitalar, o Parecer CNE/CP Nº: 5/2005

Desta forma, a docência, tanto em processos educativos escolares como não-escolares, não se confunde com a utilização de métodos e técnicas pretensamente pedagógicos, descolados de realidades históricas específicas. Constitui-se na confluência de conhecimentos oriundos de diferentes tradições culturais e das ciências, bem como de valores, posturas e atitudes éticas, de manifestações estéticas, lúdicas, laborais. (BRASIL, 2006, p. 7).

No ambiente hospitalar, o pedagogo há de criar sua identidade profissional neste espaço, saber de seu valor enquanto membro da equipe que cuida dos pacientes, neste caso, o pedagogo deve em suas práticas, aproveitar os momentos das rotinas no hospital para educar, *evitando assim, que o trabalho não se torne uma mera recreação, como de acordo com a pedagoga do HMC “muitos aqui pensam que a gente só brinca com as crianças”*. Assim como (Loss, 2014, p. 65) “a ação pedagógica no contexto hospitalar contribui para que a criança e o adolescente não se sintam tão tristes [...]”, entendemos que o brincar faz parte de um aglomerado de situações que contribuem para o bem-estar da criança/adolescente.

2.5 O papel do lúdico na pedagogia hospitalar junto às crianças e adolescentes

Nesta seção abordaremos a valorização do lúdico no ambiente hospitalar e a importância da brinquedoteca neste ambiente, atrelando fatores que venham corroborar com a importância do brincar.

No Brasil a Lei Nº 11.104/2005, que exige as brinquedotecas como direito das crianças nos hospitais com atendimento pediátrico, é recente, no entanto:

A terapia pelo brinquedo introduzida e divulgada pelo Dr. Jonh Lind, presidente da Associação Sueca de Pediatria, em janeiro de 1977, tornou-se lei e direito reconhecido pelo Ministério da Saúde e Bem-Estar da Suécia. Em 1984, no III Congresso Internacional de Ludotecas, realizado na Bélgica, apresentou-se uma pesquisa sobre Brincar no Hospital, cujos dados mostravam como o brincar interferia positivamente em uma proposta de humanização dos hospitais [...]. (SILVA; ANDRADE, 2013, p. 72).

Como profissional da área da saúde, vários foram os momentos que me deparei com todos os tipos de situação, de emergência ou não, todos os casos são de se imaginar aquele ser humano passando por tal situação. Na essência de sua pureza enquanto um ser indefeso, a criança, foi o ser que mais impactou diante de sua condição da falta de saúde, ou uma situação de emergência inesperada dentro do hospital.

A pedagoga do HMC diz que o brincar “é livre, tentamos fazer que as crianças aqui da pediatria enxerguem-nos não como profissionais, mas como alguém que lhes amam e respeitam, o lúdico, a brincadeira ameniza a dor”.

Na vivência hospitalar da brinquedoteca do HMC, foi constatado que as crianças que frequentam o local vão acompanhadas dos pais ou responsáveis. Estes, por sua vez, auxiliam as crianças no cuidado com os brinquedos, fato que a pedagoga complementa como “incentivo à questão do cuidar, do aprender, do educar através de uma forma lúdica”.

Entendemos por Brinquedoteca Hospitalar um espaço no hospital, provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças, os adolescentes e seus acompanhantes a brincarem no sentido mais amplo possível. A Brinquedoteca deve promover o brincar para as crianças hospitalizadas, nos seus leitos ou em um espaço físico especialmente destinado às atividades, permitindo, assim, que a criança exercite os aspectos sensoriais, motores, perceptivos, afetivos, volitivos e sociais um lugar em que o brincar estará configurado como um conjunto de ações da criança sobre o meio e vice-versa. (SILVA; ANDRADE, p. 72-73).

Nossos valores morais e éticos enquanto profissionais refletirá em um respeito à vida, à condição de valor ao espaço, ao SER humano em sua condição de sensibilidade pela falta de saúde.

Considerações Finais

Este trabalho teve como finalidade, compreender como se dá a prática pedagógica e o perfil profissional pedagogo dentro do HMC, para esse fim, buscamos aproximação com outros estudos já realizados, para que se pudesse então relacionar às práticas do HMC.

O profissional pedagogo está inserido em vários tipos de mercado de trabalho, não mais somente no ambiente escolar, como vimos, o hospital é um desses vários campos de atuação deste profissional, pois, o objetivo do profissional pedagogo é a formação humana.

No hospital, a presença do pedagogo hospitalar contribui para que junto aos cuidados de saúde, esforços unificados possam melhorar a qualidade dos serviços prestados aos usuários. Este profissional, apontado nesta pesquisa como membro da equipe de profissionais do HMC, há de estar em constante reciclagem, pois, a proposta da nova gestão do HMC é a prática da humanização, enfatizando uma melhor visão da sociedade, visto que a proposta da pedagogia hospitalar é justamente trabalhar a potencialidade, jamais o fracasso.

Para que crianças, pais e responsáveis pudessem ter a percepção de um acolhimento, foi observado neste estudo o esforço que profissionais e gestão do HMC realizam para que o atendimento seja expressivo não só de um bom ambiente em termos de logística, mas, de um ambiente recíproco de afeto, carinho, compreensão.

O estudo também nos permitiu observar que a brinquedoteca é uma forma de entretenimento para usuários e até mesmo funcionários em seus momentos de folga. Pude perceber que a importância da proposta de humanização funciona de forma expressiva dentro do HMC.

Quanto ao perfil do pedagogo para o ambiente hospitalar, pude observar que ainda que a pedagoga do HMC não obteve treinamento ou algum tipo de especialização, além da graduação para atuar como Pedagoga Hospitalar, este mercado está crescendo e novos espaços de trabalho como empresas, hospitais, ONG's para o profissional pedagogo estão crescendo, o que demonstra que o preparo acadêmico deste profissional há de prevalecer, portanto, a preparação do profissional, independente de sua atuação há de ser primordial em sua trajetória, pois, é de grande valia uma formação mais especializada ao pedagogo que atuará no ambiente hospitalar.

Como técnica em enfermagem e atuando como profissional no hospital e brevemente pedagoga, entendo que as capacitações profissionais levam o ser humano a estender seus conhecimentos diante de fatos que corriqueiramente acontecem no ambiente de trabalho, pois, pude perceber que a prática pedagógica na brinquedoteca ajuda a melhorar o comportamento, contribuindo para recuperação da saúde.

Neste estudo, pude observar que o pedagogo hospitalar na cidade de Castanhal ainda é considerado estranho no meio hospitalar, o que percebo é que a falta de conhecimento das leis que enfatizam a pedagogia hospitalar dentro do hospital como direito a crianças e adolescentes hospitalizados é algo que está indo contra as leis que normatizam essa questão.

Entendo que muito ainda há de ser feito para que esta realidade seja modificada, as autoridades devem se sensibilizar com esta condição, mas, para isso, os pedagogos já formados, não fique limitado apenas aos conhecimentos específicos do curso, como conhecedores das leis, devem mobilizar a categoria e lutar para que o direito seja garantido a muitas pessoas que estejam fora do ambiente escolar seja por falta de saúde, por falta de mobilidade funcional do corpo, assim, novos campos profissionais de trabalho serão abertos, o que será um benefício tanto para usuários quanto para profissionais.

Como atual profissional da área da saúde e brevemente pedagoga, tenho então, um elo de ligação entre essas áreas de atuação, pois a vivência da primeira, me fez entender um pouco da prática pedagógica no ambiente hospitalar, sei que não é só isso, muito há que se fazer, mas, sei que o caminho está aberto, é ter coragem, e seguir.

No decorrer da pesquisa no HMC, observei que o trabalho desenvolvido pela pedagoga é mais voltado para a questão social, humana em uma tentativa de fazer com que aquelas crianças, aquelas pessoas sintam-se acolhidas na forma mais digna, que é o amor e o respeito.

Desta maneira, a pesquisa visa contribuir para a sociedade, acrescentando, ainda eu um discreto conhecimento, no entanto não por isso menos importante, pois, se refere às mudanças que poderão ocorrer no meio educacional e no ambiente hospitalar, diante a vários novos espaços de trabalho do profissional pedagogo através dos resultados obtidos com o estudo aqui pretendido.

Esta pesquisa almeja possibilitar ao meio acadêmico a expansão de novos estudos regressados ao tema para que assim haja avanço teórico possibilitando a construção de profissionais capacitados em sua área de atuação.

Contudo, pesquisar sobre este tema foi para mim um ato de renovação profissional, pois pude perceber o quanto minha área de atuação em saúde é atrelada também ao campo da educação, pois esta pesquisa me proporcionou mais aprendizado, despertando a reflexão das práticas diárias da atuação deste profissional, principalmente no ambiente hospitalar. E sim, esta contribuição está aberta a novos estudos que visam sempre a melhorar a acomodação e estadia dos pacientes no hospital.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Valéria Amorim; GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume. Educação formal e não formal: pontos e contrapontos. 1. Ed. São Paulo : Summus, 2008. V. 1. 168 p.
- BIAZOTTO, Lilian. A brincadeira e o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. 2014. 31f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **O que é Educação**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 46ª reimpressão 2005.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf Acesso em 15 de novembro de 2017.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Lei Nº 11.104 de 21/05/2005**: Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Lei Federal 8096 de 13/07/90. Brasília: Ministério da Ação Social/Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência, 1990, cap. I, art. 12
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei n.º 8080**, de 19 de setembro de 1990. Dispõem sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em <www.saude.gov.br>. Acesso em 03 jan. de 2018.
- BRASIL. **Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde Ministério da Saúde**. Esplanada dos Ministérios – bloco 11 – 8º andar 70.000 – Brasília – 1977.
- CASTRO, Marleisa Zanella. Escolarização hospitalar: desafios e perspectivas. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira org. Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CAVALCANTE, Myrian Soares de Moraes. **Pedagogos de jaleco colorido**: práticas lúdicas e educacionais na brinquedoteca hospitalar do hospital universitário da UFS. Disponível em: http://www.educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18734_8564.pdf Acesso em 13 de set. de 2017.
- CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (Org.). Criança Hospitalizada. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1997.
- CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. Ed. Petrópolis: editora Vozes, 2010.

FONTES, R. S. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada:** discutindo o papel da educação no hospital. *Revista Brasileira de Educação*, n. 29, Rio de Janeiro, 2010.

GHIRALDELLI, Paulo Junior. **O que é pedagogia.** 4ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social.** Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. 1ª edição. São Paulo : Cortez, 2010.

GOLDEMBERG, José. **O repensar da educação no Brasil.** Artigo disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141993000200004&script=sci_arttext Acesso em 03 de agos. 2017.

LACERDA, Flávia Bahia; SILVA, Rosilene Ferreira Gonçalves. **A classe hospitalar no estado do Pará:** implantação e implementação. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/marupiira/article/download/913/613> Acesso em 23 de janeiro de 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12ª. ed. – São Paulo, Cortez, 2010.

LOSS, Adriana Salete. **Para onde vai a pedagogia?** Os desafios da atuação profissional na pedagogia hospitalar. 1. ed. – Curitiba/PR, Appris, 2014.

MACEDO, Maria Aparecida Rodrigues de. **Pedagogia Hospitalar:** Qual a formação específica do pedagogo para sua atuação na área da pedagogia Hospitalar. 2009. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; Muggiati, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar.** Champagnat. Curitiba, 2001.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGGIATI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar:** a humanização integrando educação e saúde. 4. ed. Petrópolis RJ : Vozes, 2009.

PIROZZI, Giani Peres. **Pedagogia em espaços não escolares:** qual é o papel do pedagogo? *Revista Educare CEUNSP* – Número 2, Volume 1 – 2014.

SALDANHA, G. M. M. M. A educação escolar hospitalar, práticas pedagógicas docentes com crianças em tratamento oncológico no Hospital Ophir Loyola em Belém/Pará. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal do Pará, 2012.

SAVIANI, Demerval Saviani. **Pedagogia:** O espaço da educação na universidade. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/06.pdf>> Acesso em 27 set. 2017

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23ª ed. São Paulo : Cortez, 2007.

SILVA, Maria Adelane Monteiro da. *et al.* **Promoção da saúde em ambientes hospitalares**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n3/v64n3a27.pdf>
Acesso em 09 de agos. 2017.

SILVA, Neiton da; ANDRADE, Elane Silva de. **Pedagogia Hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado**. Cruz das Almas/BA, UFRB, 2013. 192 p.

TAVARES, Bruna Feijó. **A pedagogia no espaço hospitalar: contribuições pedagógicas a um ambiente de renovação e aprendizagem**. 2011. 60 f. trabalho de conclusão de curso (graduação em pedagogia) – Centro Universitário Municipal de São José.